

Percalços de um ofício privilegiado.

Margaret Marchiori Bakos

A reflexão sobre o saber e a dominação na antigüidade leva o pensamento para os escribas no Egito Antigo, pelo seu papel e a posição social que ocupam naquela sociedade.

Para os antigos egípcios, o ato de escrever, cujas origens eles desconhecem, significa bem mais do que o registro de um nome, coisa ou pessoa: é a sua criação. Eles atribuem o desenvolvimento dessa habilidade aos ensinamentos de um deus: Thot, o que torna os seus práticos - os escribas - seres especiais, possuidores de conhecimentos de caráter divino. O escriba, ao desenvolver a habilidade da escrita, adquire um poder extraordinário naquela sociedade, pelo valor que nela se confere à perpetuação de pessoas e fatos significativos, através do registro.

Tal qualificação do saber do escriba implica valorização extrema de sua atividade profissional. A idealização desse ofício específico é estimulada pela literatura contemporânea. Um antigo texto, conhecido *como A sátira dos ofícios*,¹ registrado como sendo de autoria de Dua-Khety - contém o discurso de um pai ao filho. A narrativa ilustra a preocupação do genitor para com o futuro do filho, e mostra que a profissão do escriba é aquela que promete uma vida melhor, por isso ela é enaltecida.

Nessa redação, que tem por cenário a viagem dos dois rumo a Escola de Escribas, onde o garoto vai estudar, o pai sistematiza e exemplifica para o jovem todos os ofícios disponíveis para ele no antigo Egito e arrola, com muita ênfase, os problemas intrínsecos dessas várias atividades.

Dua Khety discorre sobre quinze ofícios, desde o do oleiro - cruel - porque ele remexe na lama como um porco, até o do pescador - o mais sofrido - porque tem os crocodilos como companheiros de ofício. Em contrapartida, Dua Khety elogia as condições de trabalho e as recompensas que cabem aos que sabem ler e escrever, salientando a característica que julga a principal: *não há profissão sem chefe, exceto a do escriba Ele é sempre tratado com dignidade por onde quer que vá.*

¹ Ainda hoje persistem dúvidas sobre o caráter desse longo documento. Para alguns, trata-se de um texto que visa ao riso pelo desdém do autor para com todas as profissões exercidas no Egito, exceto a do escriba. Outros alegam que o documento é sério tanto pelo conteúdo quanto pela forma de narração. (BAKOS&BARRIOS, 1999:83)

Sabe-se que a cópia e a memorização de textos, como a *Sátira dos Ofícios*, é parte importante do processo de formação do aprendiz de escrevinhador, que tem início aos quatro anos de idade e só termina aos dezesseis. O aprendizado da escrita é lento e serve apenas para expressar uma língua literária, arcaica e diferente da linguagem falada. Os métodos de ensino são de um empirismo sofrido e compreendem dois ciclos de estudo. O primeiro, consiste na memorização, pela repetição, de listas de hieróglifos, numerados e classificados na categoria, juntamente com os seus significados. Depois, os jovens passam ao exercícios de cópias de textos religiosos: as rezas a Thot, as Lições de Sabedoria², com máximas de ordem moral, cartas privadas, e, finalmente, são iniciados nas práticas de composição.

Entre as coisas que um escriba deve aprender, salienta-se o hábito da discrição. Dua Khety ensina seu filho a não tomar partido em discussões, a manter distância dos oficiais, a não interromper as pessoas, a não falar de coisas secretas e afastar-se de desordeiros. Ainda aconselha o garoto a ser moderado nas palavras, comer e beber pouco, a ouvir mais que falar e a elogiar os competentes.

A rotina dos estudos que tem por objetivo a memorização dessas lições pelos aprendizes parece ter sido muito rígida, impedindo o jovem de folgar nos dias festivos. Sabe-se disso pelas análises feitas em diversos papiros literários, onde o aluno anota todos os dias o trabalho que faz, na maioria exercícios de caligrafia, corrigidos pelo professor, e até os signos malfeitos e as faltas de ortografia encontram-se marcados com tinta vermelha.

Esse texto tem por ambição explicar que nem a valorização recebida pela sociedade, nem as lições recebidas no processo de aprendizado, previnem o escriba dos percalços da prática profissional. Ao contrário, passado o longo e penoso período de estudos, atingidas as posições mais proeminentes, o escriba chega a um estágio da vida, onde a vaidade característica dos que exercem esse ofício, em geral cultivada desde a mais tenra infância, uma vez que há uma tendência para a hereditariedade nessa função, vem a tona. Ela pode provocar atritos desagradáveis entre os profissionais e transformar a rotina do ofício em um exercício penoso, por causa dos inúmeros desafios nos níveis técnicos e dos relacionamentos interpessoais .

Entre os vários textos literários que referem relações possíveis entre o saber e a dominação, no Egito Antigo, salienta-se, nesta apresentação, o Papiro Anastasi I³. Pela leitura desse papiro pode-se trabalhar com essas

² O título egípcio que significa *Instruções* sugere que esses textos tenham constituído trabalhos didáticos compostos de máximas e de preceitos. (JAMES, T.G.H., 1969:96).

³ A proveniência do papiro é provavelmente a cidade de Mênfis, no Delta. Há duas versões dessa carta: a de Mênfis e a de Pi-Ramessu. Por ter sido escrita em papiro, material dispendioso, o autor deve ter sido um

categorias naquele contexto, entendendo-as como objetos construídos no e pelo discurso

O papiro Anastasi contém uma disputa verbal, travada entre dois escribas, que gira em torno da competência profissional de ambos, cujos critérios de medição vão sendo construídos e esclarecidos na própria narrativa. Ao longo dessa contenda vem à tona um relacionamento tenso entre eles, o qual, em alguns momentos, chega a ter um tom muito agressivo. Tais passagens indubitavelmente configuram uma querela profissional. O texto ainda aponta para outros aspectos das relações sociais entre colegas, possíveis naquela sociedade. Isso aparece de diferentes maneiras, através do cuidadoso linguajar, com o objetivo de difamação dos seus iguais, de apelação para raízes pessoais — estirpe privilegiada de escribas — para humilhação do colega de origem social mais humilde até a acusação explícita de adoção de meios ilícitos pelo profissional oponente como única maneira de cumprir tarefas pessoais rotineiras.

O papiro conhecido como *Uma carta polêmica* contém uma obra literária pautada por um tom humorístico de feição irônica. Sob a forma de sátira, ele nos revela uma faceta inusitada da corte de Ramsés II (1290-1224), ao registrar uma disputa verbal entre dois escribas: Hori, lotado na chefia dos Estábulo Reais, e Amenemope, no posto de Comandante do Exército faraônico.

Para o resgate de cunho histórico dessa narrativa literária parte-se da idéia de que

“...a função narrativa “ é prática antes de ser cognitiva ou estética”, razão pela qual, longe de poder negar-se qualquer relação entre o discurso narrativo e a realidade, a narrativa histórica mantém relações necessárias e estreitas com o seu objeto social real. (CARDOSO, C & FAINFAS,R.,,1997, p.21)

De acordo com *A Carta polêmica* o fato que gera a polêmica verbal tem origem na rivalidade rotineira entre duas categorias de escribas: os civis e os militares.

Em síntese, a história é a seguinte: Hori, por circunstâncias que não são explicadas na missiva, envia uma epístola para Amenemope, na qual ele ordena ao Escriba Militar o fornecimento de grãos para os soldados que estão a seu serviço. Entretanto, Amenemope não segue as instruções e responde a

escriba importante. O primeiro estudo deste papiro data de 1866, o segundo, de 1885 e a transliteração mais completa foi feita por A. Gardiner, em 1911.

carta de Hori com uma missiva, que o Escriba dos Estábulos considera agressiva, confusa e mal-escrita.

A *Carta Polêmica* consiste, então, da réplica de Hori. Essa história se deduz do relato da própria carta, a qual apresenta três momentos distintos de redação. O prólogo, no qual Hori apresenta e sistematiza suas qualidades, competências e posto na hierarquia dos escribas faraônicos e se defende dos ataques a essas condições feitas por parte de Amenemope. Uma longa narrativa, onde Hori expõe, classifica e discute a inconsistência dos argumentos e da competência de Amenemope para fazer qualquer tipo de acusação. E, finalmente, há um epílogo formal, no qual Hori sugere que Amenemope aceite as críticas, reformule sua postura deixando de lado a arrogância porque não lhe resta outra alternativa.

A polêmica entre os dois funcionários bem pode ser uma trama inventada, com fins didáticos e morais, para cópia e memorização dos estudantes de escriba. Essa possibilidade é plausível devido ao tom severo do texto moralista e didático, características presentes nos textos destinados à cópia e memorização. Apesar dessas possibilidades e, em qualquer uma delas, o texto interessa sobremaneira pelo inusitado da perspectiva e pelo seu teor retórico, que se refere à existência desse ambiente escolástico à época. O tom irônico conduz a narrativa que, em alguns momentos, exhibe, pela linguagem, a postura pedante de Hori.

Entre os trechos da narrativa mais ricos em elementos descritivos salienta-se o relato de uma aventura à Síria, jornada colorida com maestria pelo escriba através do detalhamento da natureza enriquecido com imagens fantásticas e paisagens animadas por animais e práticas exóticas. Esse texto, extraordinariamente belo do ponto de vista estilístico, revela a sociedade erudita de escribas altamente qualificados na arte da retórica do Novo Reino.

A carta inicia, como foi mencionado, com um prólogo enunciado pelo narrador, Hori. Ele se descreve como um escriba paciente na discussão, que encanta quem o escuta, hábil nos hieróglifos, rápido no preenchimento de rolos (de papiro) com escrituras e que nada ignora. Nomeia-se fiel servidor da deusa Sescet⁴, protetora dos escribas, e do deus Thot, de Hermópolis. Hori informa que as suas qualificações podem ser comprovadas pela observação do desempenho dos numerosos jovens, cuja inteligência se completa pela sorte de conviverem com ele. São significativas as metáforas que Hori usa quando tenta se auto promover a condição de excelente mestre, indicando-se na

⁴ Deusa da escrita e da medição. Ela aparece freqüentemente nos baixos relevos escrevendo junto com Thot o anos de reinado do faraó, representada como uma mulher com um longo vestido de pele de pantera e um toucado com uma banda encimada por sete estrelas pontudas e um arco.

terceira pessoa: *tudo que sai de sua boca é mel, suas palavras têm o efeito dos medicamentos que revigoram os corações.*

Hori, a seguir, se refere a Amenemope como a um amigo pessoal, a serviço do vitorioso exército faraônico. Informa que ele é uma excelente pessoa, possui o coração nobre, a inteligência completa e é amado por todos. Hori, inclusive, demonstra que conhece a vida pessoal do interlocutor, informando que ele é filho de Onofri, de Abydos, parido por Tauser, cantora de Bastet⁵, em Bubatis.

Saúda seu amigo com expressões que valorizam tanto o seu conhecimento como a imagem que ele possui naquela sociedade. Deseja que ele possa viver, prosperar e ter saúde. Realiza um longo discurso nesse sentido, onde manifesta o desejo de que Amenemope possa, após a velhice, realizar a passagem para a vida eterna, entrar:

possas ser justificado no céu [...] possas descer ao [...] sem ser destruído; possas fazer tuas transformações que queres como Fênix⁶, cada forma tua sendo um deus quando tu [...]

A saudação de Hori é muito longa e revela a erudição do escriba: o conhecimento dos ritos mortuários, dos deuses e dos procedimentos cerimoniais. A presença dessas saudações extensas, onde significativos deuses do panteão são chamados para homenagear quem recebe a carta, é um traço característico dos textos eruditos dos escribas. Elas são importantes porque permitem que os escribas exibam seus conhecimentos sobre as divindades e a mitologia do antigo Egito. Entretanto, nessa carta, especificamente, há uma segunda razão para o aparecimento desse trecho: Hori quer mostrar que ele sabe iniciar corretamente uma missiva ao mesmo tempo em que demonstra a rudeza e ignorância de Amenemope nas normas dos escribas ao omitir tais cumprimentos na carta que lhe enviou. Fica claro o caráter didático explícito quando Hori se queixa formalmente de que a carta que ele recebeu não tem as saudações iniciais.

No prólogo, Hori descreve as suas circunstâncias pessoais no momento em que recebe a carta de Amenemope. São suas as palavras:

⁵ Deusa gato geralmente representada como uma mulher com a cabeça de leoa, frequentemente levando ambos o símbolo de *ankh* (*vida*) e um cetro.

⁶ O sagrado pássaro de Heliópolis ligado nas suas origens ao deus do sol o Rá,. É feita uma relação também entre o seu nome Benu, Phoenix em grego, que deriva da palavra *wbn*, isto é *brilhar, levantar*, a pedra Benben com o culto a Rá em Heliópolis.

A tua carta me alcançou numa hora de repouso, teu mensageiro me encontrou sentado junto aos cavalos que estão aos meus cuidados. Exultei e fiquei contente e me preparei para responder.

Entrei no meu alojamento para examinar a tua carta. Entretanto, achei que ela não era de elogios e era de insultos: as tuas frases confundiam isto com aquilo, todas as tuas palavras estavam desconexas e não estavam interligadas...

A análise do momento de recebimento da missiva por Hori aponta como se processava, na prática, a troca rotineira de informações entre os escribas e as expectativas sobre as formas de comunicação entre profissionais da mesma categoria.

O inusitado dessa situação específica começa quando Hori constata as características da carta recebida. De imediato, Hori se mostra indignado com a falta de consideração e de reconhecimento ao seu trabalho existentes no texto. Sua primeira dúvida é sobre as condições mentais do seu colega. Sem receio algum ele denuncia o tom colérico do discurso de Amenemope, que parece transparecer ao longo de toda a carta. Hori diz conhecer muito bem a natureza de Amenemope e, por isso, lança uma pergunta ao interlocutor: (...) *as tuas frases não são doces e não são amargas; tomaste fel misturado com mel; tomaste mosto misturado com vinho?*

A seguir, Hori começa a discriminar todos os aspectos da carta que ele julga passíveis de discussão e de crítica.

Em primeiro lugar, ele acusa Amenemope de não ter escrito sozinho a carta, porque lhe falta capacidade para tal feito. Hori diz, textualmente:

Achei que fosses responder sozinho, por ti mesmo. Mas eis que teu protetores estão atrás de ti, juntaste muitos grupos (?) de auxiliares como aqueles que [poderias juntar] para um conselho de tribunal.

A descrição das razões pelas quais Hori levanta essa suspeita tem um peso importante na narrativa porque provocam uma identificação do leitor com esse julgamento. A catarse acontece de forma dramática quando ele diz que pode até mesmo visualizar o semblante perturbado de Amenemope. Tem-se daí uma dupla informação. A primeira é que Hori, de fato, conhece Amenemope. A segunda é que a busca de ajuda para a confecção de relatórios — em troca dá presentes aos ajudantes —, configura uma atitude possível naqueles tempos. Hori diz ao interlocutor: *Teu semblante é perturbado enquanto te levantas enganando os assistentes (?) e dizendo: “venham comigo e me dêem uma mão”*.

Além de acusar Amenemope de suborno, Hori afirma que ele é relapso no exercício de suas funções, por dois fatos especificamente. O primeiro é que as listagens que Amenemope envia estão todas malfeitas porque foram organizadas por várias pessoas, o que explica porque elas estão desconexas. O segundo, que constitui falta mais grave, é que as listagens não têm o selo do Superintendente do Celeiros, o qual é obrigatório, após cada distribuição de grãos, para registrar e oficializar a operação. Tais falhas, inadmissíveis, segundo Hori, são da responsabilidade do escriba a serviço do exército

O Escriba das Estrebarias Reais acusa, ainda, Amenemope de enviar uma mensagem de qualidade inferior para sua posição profissional. Se é difícil discutir a pertinência de todas as críticas, essa é imponderável. A mensagem de Amenemope não está disponível, se é que existe. Não se tem como saber sobre sua aparência e qualidade literária. Tem-se apenas a informação de Hori de que ela possui quatorze colunas, cada uma delas escrita por uma pessoa diferente.

(...) tua carta é de qualidade inferior demais para se fazer ouvir (...). Tu te precavéns fazendo saber antes (...) e dizes: “os [papiros] passam o dia amarrados (?) sobre meus dedos, como livros de fórmulas mágicas (?) no pescoço de um doente...

Nessa passagem, chama a atenção o fato de Hori apontar a Thot - o deus dos escribas - como um escudo, atrás dele, para sua proteção, bem como a Ptah, senhor da verdade, sepultado em Abydos, e sua indignação de que apesar dessa guarnição divina, ele não tem a admiração de um Escriba do Exército. Quase exaurido por essas e outras constatações que ele faz a partir da leitura da carta de Amenemope, Hori questiona a razão de tudo isso e exorta o colega: *Porque então existe horror por mim em teu coração? Tire-o.*

Hori inicia, a seguir, uma seqüência de acusações e de refutações sobre as acusações feitas contra ele por Amenemope.

A primeira é de que ele é fraco. Hori afirma conhecer muitos homens sem força, *fracos de mão e doentes de braço, privados de vigor: entretanto ricos de casa, de alimentos e comida e não diziam: “oh, se eu tivesse...” (em relação a qualquer coisa).* Ele dá exemplo de muitas pessoas com problemas físicos que, no entanto, vivem prósperas, e conclui: *Bom senhor, meu amigo que não sabe o que diz, eu interpreto tuas mal traçadas linhas, torno fácil as coisas difíceis.*

Hori qualifica de superficial a sabedoria de Amenemope, e diz, textualmente:

Chegaste recheado de grandes segredos, recitas uma máxima de Hergedef⁷, mas tu não sabes se ela é boa ou má: que capítulo vem antes dela [...]?

Hori diz que Amenemope ignora a importância dele e por isso tem a coragem de se dirigir a ele de forma descortês:

Tu me dizes: “não és um escriba e não és um soldado; te apresentas a ti mesmo como um superior: tu não estás na lista”.

Hori sugere que Amenemope se torne uma pessoa melhor informada sobre ele. Sugere que o Escriba dos Exércitos consulte os arquivos de registros dos escribas, onde encontrará o nome de Hori na lista dos oficiais da Grande Estrebaria de Ramsés II, no posto de Comandante das Provisões. E descreve sua irritação quando lê que Amenemope o desconsidera como escriba competente e afirma que ele não carrega corretamente a paleta. Hori desafia Amenemope a competir com ele e a repetir tais acusações frente a Onuri⁸, para que assim o deus decida essa questão, faça a justiça e para evitar que ele se enfureça posteriormente. Também acusa Amenemope de não saber fazer os cálculos necessários para a construção de um lago e de uma rampa.

Hori pergunta a Amenemope como ele pode fazer os cálculos para a construção de um lago se nem as medidas de grãos necessários para os soldados ele soube orçar. Ele expõe a Amenemope a seguinte situação:

E, a seguir, Hori expõe outro problema para Amenemope: fazer os cálculos para a construção de um novo obelisco. Ele descreve todo o contexto desse fato, desde a chegada de um despacho do príncipe herdeiro para Ro-ka, onde conta que, para alegrar o coração do Hórus de Ouro - o Faraó - para glorificar o Leão Irascível, faz um novo obelisco. São as palavras do Príncipe:

O interessante nesse trecho do texto, que é um fragmento da longa narrativa e dos dados numéricos, é o aparecimento, que configura uma espécie

⁷ Os ensinamentos de Hergedef é a primeira obra no gênero, datada provavelmente da IV Dinastia. Hergedef, filho do rei Queops é considerado, juntamente com Imhotep, um dos homens sábios do Egito Antigo.

⁸ Deus de Thinis, no Alto Egito. Ele era o divino caçador, um deus celeste identificado com Shu.

de pausa nas acusações, de algumas frases em tom diferente, nada implicante. Ao contrário, Hori parece querer consolar o interlocutor, na suposição de que ele estivesse enfraquecido pelos desafios:

Eu era incapaz (?) como tu, antigamente. Unamo-nos para discutir juntos porque meu coração era esperto. Meus dedos dóceis e inteligentes quando tu te equivocas. Adianta-te, não chores.

Em seguida a esse possível diálogo rumo a uma situação de cumplicidade, Hori retorna ao tom acusatório inicial da missiva e diz:

Te escrevi com lealdade (?), e eis que tu a procura para ti. Tu colocas meus dedos no cepo do açougueiro(?), como um touro na festa, a cada festa do [...(?)].

Ele se refere às acusações que Amenemope fez a ele e novamente estabelece novo problema para o Escriba dos exércitos resolver.

E, então, diz Hori, verificas que os soldados são numerosos e as provisões insuficientes para os recrutas. No entanto, eles já estão no acampamento, registrados. *Os beduínos ficam olhando furtivamente: “que escriba sábio!”, eles dizem.*

Entretanto, chega o horário do meio-dia e o acampamento está ardendo. Reclamam que é hora de partir. Há, pela frente, uma longa marcha. Todavia, eles não recebem nenhum pão e constataam que já estão longe dos quartéis noturnos egípcios, e começam a questionar o significado desses maus tratos e reclamam: *sóis um escriba inteligente venha nos dar comida!*

Hori diz que essa situação pode provocar a destruição de Amenemope por ordem de Ramsés, se o Faraó conhecer essa circunstância. E parte novamente para reclamação:

Tua carta abunda de palavras afiadas, é cheia de palavras grossas. Eis, ela se compensa com quesitos. Carrega-te à tua vontade. Eu sou um escriba, um maher⁹ (tu dizes). Retira as palavras! Digamos: se há verdade naquilo que disseste, vem para fora, dai-nos a prova.¹⁰

⁹ É uma palavra cananéia para indicar mensageiro na Ásia.

¹⁰Hori mostra que o outro não tem nenhum conhecimento da Síria.

E expõe novo desafio para Amenemope:

Um cavalo foi encilhado para ti, veloz como um chacal, de orelhas ruivas, que é como uma tempestade de vento quando sai. Solta as rédeas, toma do arco e vejamos o que saberá fazer a tua mão.

Hori diz que Amenemope não tem nem a destreza nem o conhecimento necessário para a posição de guerreiro maher que ocupa. Em primeiro lugar, esse deve ter um excelente conhecimento sobre os países vizinhos do Egito.

Nunca fizeste expedições para Qadesh¹¹ nem para Debeq. Não foste para a região dos beduínos com as tropas do exército. Não caminhaste pela rua em direção a Magara, uma parte do Líbano: o céu é escuro de dia e (o Magher) está plantado de juníperos e de carvalhos e de abetos que alcançam o céu. Os leões lã são mais numerosos que as panteras, há ursos e um cerco de beduínos em sua estrada.

Hori lembra Amenemope de que ele nunca subiu na montanha de Sceu¹². A descrição densa que Hori faz dessa jornada é impressionante:

Nunca caminhaste, com as mãos agarradas [...], a carruagem é fustigada por cipós enquanto teus cavalos ficam enredados. Oh, deixa [que eu te diga para ...] - barata. Te retrais de tua subida, luta com sua correnteza, vê, o gosto do maher! Tua carruagem pousa sobre teus [ombros], o teu [assistente], está exausto. Chegas a fazer uma pausa à noite; todo o teu corpo está batido e em pedaços, os teus [membros] estão quebrados, cães (?) de sono.

Hori diz que, ao acordar, na hora de partir, a noite é pavorosa. Estás só ao amarrar o cavalo; o irmão não vem para o irmão; um predador entrou no acampamento, o cavalo foi solto; o [...] voltou atrás na noite e roubaram todas as tuas roupas. O teu valete acordou durante a noite e viu aquilo que o predador fez, pegou o que sobrava e juntou-se aos malfeitores, uniu-se aos tribos dos beduínos e se fez à maneira de um asiático.

Os inimigos vem predaar furtivamente e te encontram inerme. Te acordas e não encontras seus traços, muito embora eles levaram tuas coisas:

¹¹ Sobre o Oronte, provavelmente ao sul de Damasco.

¹²No Líbano, não-identificada.

te tornaste um maher equipado! Enche teus ouvidos: falar-te-ei de outra cidade misteriosa que tem por nome Biblos¹³. Como é ? E (como é) a sua deusa? Tu lá não caminhaste.

Enunciando um desafio para o conhecimento de geografia de Amenemope, Hori questiona sobre os muitos e importantes trajetos e perigos que um Escriba do Exército deve conhecer e saber vencer para poder guiar com segurança os soldados de Ramsés nas suas expedições militares:

Expressando um conhecimento extraordinário sobre a geografia do local, Hori pergunta pontualmente sobre a zona de *Meggido*. Ele diz que um *maher*, ao marchar na frente de um exército:

Hori cria minuciosamente uma situação de perigo:

O desfiladeiro está infestado de beduínos escondidos sob os arbustos. Há os que medem 4 ou 5 côvados da cabeça aos pés com caras ferozes com coração não doce e que não escutam gentilezas. Tu estás sozinho, não tens auxílio contigo, não há um exército atrás de ti, não encontras um guia que te permita passar a zona.

Decides marchar para a frente, muito embora não conheças a estrada. Os calefrios te tomam, os cabelos da cabeça se eriçam, tua coragem está em tua mão. Tua estrada está cheia de rochas e pedras, não tem um traçado transitável, pois está cheio de galhos de arbustos com espinhos (...) Se for lançado verso o abismo o teu colar - do cavalo - se solta e cai a tua cinta que segura o cavalo....

Com a propriedade de quem parece ter vivido situação semelhante, Hori diz:

Teu coração está amargurado e partes ao trote. O céu está aberto, mas tu achas que os inimigos estão em tuas costas e te pega a tremedeira. (...) A carruagem está alquebrada quando achas um lugar para acampar. Vislumbras o sabor do sofrimento.

¹³ O porto do Líbano com o qual os egípcios tinham relações comerciais. A deusa de Biblos é Hathor.

Aos poucos, o tom da narrativa tende a ficar ainda mais dramático:

Pedes esmola a quem encontras: “oh, me dêem alimento e água, pois cheguei salvo.” Eles fazem ouvidos moucos, não escutam, não prestam atenção aos teus relatos, entras no arsenal. A oficina te circunda, ferreiros estão em teu caminho, fazem tudo o que tu queres e se ocupam de tua carruagem e esta deixa de ser inutilizável. Se apruma de novo o teu timão. (...) Põem um cabo no teu chicote e amarram as cintas...

O tom didático do discurso que encerra esse trecho é muito provocativo:

Bom senhor, escreba escolhido, maher, que sabe o seu ofício, à frente das tropas, primeiro, da armada, descrever-te-ei os países da extremidade da terra de Canaã. Mas tu não me respondes nem bem. nem mal e não me dás em troca nenhuma informação.

Em alguns momentos Hori assume um discurso no tom imperativo e jocosos que julga ter o direito de exhibir porque foi ofendido e menosprezado pelo interlocutor:

Hori lembra Amenemope da linhagem de escribas, da qual descende e da qual ele recebe instruções desconhecidas pelos escribas de origem mais humilde:

Ora, estas furioso por aquilo que te disse porque te pus a prova em todas as funções, meu pai me ensinou e ele sabia como instruir milhões de vezes; eu sei como segurar as rédeas mais que tu que não é capaz.

Não há nenhum bravo que possa se comparar comigo e eu estou iniciado nos segredos de Montu¹⁴. É muito justo aquilo que sai da tua língua, mas as tuas frases são muito fracas. Vens a mim envolvido em confusões. Cheio de erros. Escancaras tuas palavras como elas se apresentam, não te das o trabalho de burila-las.

Perdura naquela direção, apressa-te e não cairás. Como ignoras o fato de ter chegado? De que maneira acabará?

¹⁴ Deus falcão de Tebas, patrono de muitos soberanos da XI Dinastia e que parece ter sido uma divindade guerreira.

Ao final da leitura dessa narrativa algumas constatações se impõem. Em primeiro lugar, é mister louvar a atualidade do texto, que comove pela sistemática e minuciosa descrição de elementos físicos e humanos do cotidiano dos trabalhadores intelectuais. Tal característica possibilita interpretações diversas sobre essa polêmica milenar e das situações vividas no contexto restrito de trabalho dos escribas eruditos.

Igualmente importante é o tom irônico da narrativa pelo recurso do *reductio ad absurdum* de aspectos da relação humana e o emprego de metáforas a partir de elementos muito importantes da cosmovisão contemporânea.

Salienta-se, ainda, do texto, a preocupação do narrador para com os elementos psicológicos na análise das pessoas e suas circunstâncias. Veja-se, por exemplo, a agilidade do olhar do narrador voltado para os efeitos que críticas apressadas e/ou descabidas e agressivas podem provocar na auto estima e na performance profissional de alguém. Em alguns momentos, Hori se preocupa em revelar os próprios sentimentos a este respeito. Ele pontua principalmente a mágoa provocada pela missiva de Amenemope que usa palavras de acusação contra ele. Hori, então, busca na análise de seu sofrimento a força e os argumentos para a articulação de sua defesa. Em outros momentos, Hori reflete sobre suas origens familiares, a firme orientação que recebe do pai escriba para fazer a sua formação profissional. Ele atribui a essa relação familiar o seu profissionalismo, excelente caráter e competência frente ao oponente.

Nesses momentos, o Escriba das Estrebarias Reais parece se compadecer do oponente. Hori se mostra comovido com a fraqueza do Escriba dos Exércitos, quando lhe expõe os desafios da construção civil e de difíceis jornadas em terras inimigas. Nesses trechos, Hori entremeia o discurso crítico contra Amenemope com palavras de consolo e de encorajamento. Em nenhum momento, porém, essas passagens generosas minoram o tom áspero da missiva e o objetivo central da narrativa de mostrar a superioridade pessoal e profissional do Escriba das Estrebarias sobre o Escriba dos Exércitos Reais.

Bibliografia

BAINES, J & MÀLEK, J. (1984) *Atlas of Ancient Egypt, Oxford: Phaidon Press Ltd;*

- BAKOS, M.(2001) *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. 2. ed., Porto Alegre: EDIPUC,2001.
- BAKOS, M. E BAIRRIOS, A.(1999) *O Povo da Esfinge*, Porto Alegre, Ed. da Universidade;
- BRESCIANI, E.(1990) *Letteratura e poesia dell'antico Egitto*. Torino: Einaudi.
- CARDOSO, C & FAINFAS,R.(1997) *Domínios da História*, Rio de Janeiro Campus;
- JAMES,T.G.H.(1989) *An introduction to Ancient Egypt*. London: British Museum.
- KEES, H. (1977) *Ancient Egypt*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LICHTHEIM,M. (1974) *Ancient Egyptian Literature*. Berkeley: University of California Press.
- LURKER, M. (1988) *Gods and symbols of Ancient Egypt*. Londres: Thames & Hudson.